

O MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO COMO INSTÂNCIA DE CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA POLÍTICA NO ESPAÇO ACADÊMICO: O CASO DA SIEB – SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIRIO

Francisco de Paula Araújo – chico_val@yahoo.com.br

Lílian Cristina da Silva Ramos Casimiro – lilian.casimiro@gmail.com

Eixo temático: A formação da consciência política dentro das instituições de ensino.

Forma de apresentação: oral.

1 INTRODUÇÃO

O Movimento Estudantil brasileiro tem procurado, ao longo da história do Brasil, romper com a lógica formalista/funcionalista/pragmática, tão característica à academia nas últimas décadas, atuando como uma espécie de espaço de resistência, dentro de outro espaço de resistência que é a própria universidade. Na esteira desse processo se sucederam experiências estudantis mais variadas, as quais procuraram, de alguma forma, dar sua contribuição. Dentre as experiências de sucesso merece destaque, a título de exemplo, o CPC – Centro Popular de Cultura, que, nos anos de 1960, constituiu um verdadeiro *espaço de resistência* no seio da academia.

A SIEB - Semana de Integração Acadêmica dos Estudantes de Biblioteconomia da UNIRIO -, de um modo em geral, não é entendida simplesmente como uma instância de caráter científico no sentido estrito do termo, mas como um desses espaços que se pretende de resistência.

Analisando os desdobramentos das duas edições do evento (2007 e 2008) é possível perceber que, para esse espaço, convergiram as expectativas mais latentes dos estudantes do curso de Biblioteconomia da UNIRIO. Dentre os trabalhos apresentados e as discussões estabelecidas, boa parte primou por uma preocupação com a dinâmica social. Essa preocupação acabou se refletindo na construção do próprio Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação que, em sua 32ª edição, abordará uma temática de cunho eminentemente sócio-político: “a dimensão política do profissional da informação” (ENEBD, c2009).

O objetivo central desse trabalho é discutir a importância do Movimento Estudantil brasileiro como instância de construção de uma consciência política no espaço acadêmico, utilizando para tanto, o exemplo da SIEB. Procurar-se-á, ainda, discutir a *cultura universitária* e suas implicações na configuração da sociedade moderna. Para a consecução dos objetivos desse trabalho, valemos de um modelo de pesquisa qualitativa, que confere importância considerável às tarefas mais voltadas para a compreensão crítica dos fenômenos, do que para a sua descrição.

2 O MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO

Amaral (2005, p. 2004) enumera proposições acerca do ME dentre os quais merece destaque aquele que considera que “numa sociedade democrática, o movimento estudantil organiza-se em torno da discussão geral e execução de tarefas inerentes ao porvir dessa sociedade”.

Para Gullar (2004, p. 13) “o movimento estudantil é parte integrante da história brasileira, e teve ao longo dessa história um papel decisivo”. Essa posição é compartilhada por outros indivíduos, os quais tiveram participação marcante na história não só do ME, mas, sobretudo, na história recente do Brasil.

Acho que a gente foi parte de uma mudança muito geral. Não pelo o que fizemos como movimento estudantil, mas como pessoas [...] Nós começamos a amar de forma livre, quebramos preconceitos, quebramos a estrutura familiar, mudamos os horizontes culturais e, além disso, brigamos por um mundo diferente (PALMEIRA, 2005, p. 20).

O site *Memória do Movimento Estudantil* (c2004) apresenta de maneira sintética a cronologia desse movimento no período republicano:

2.1 Primórdios do movimento estudantil (1901/1930)

Caracteriza-se pelo aparecimento das primeiras organizações nacionais do movimento estudantil brasileiro, marcadas ainda por certa efemeridade.

2.2 O movimento estudantil na era Vargas (1930/1945)

A partir da Revolução de 1930, a politização do ambiente nacional levou os estudantes a tomarem parte na Revolução Constitucionalista de São Paulo e a formarem organizações como a Juventude Comunista e a Juventude Integralista. Em 1937, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE). Na década de 40, era o grande marco na luta contra o nazi-fascismo.

2.3 O movimento estudantil no período democrático (1945-1964):

A partir de 1947, iniciou-se a fase de hegemonia socialista na UNE, que foi até 1950. Nesse período, a entidade liderou campanhas nacionais contra a alta do custo de vida e em prol da indústria siderúrgica nacional e do monopólio estatal do petróleo (campanha O Petróleo É Nosso).

De 1950 a 1956, a UNE viveu sua fase direitista, comandada por um grupo ligado à União Democrática Nacional (UDN).

Com a esquerda de novo no poder, a UNE apoiou, em 1961, a campanha da legalidade, a favor da posse de João Goulart, e reforçou sua ação no campo da cultura com a criação do Centro Popular de Cultura e da UNE Volante.

2.4 O movimento estudantil no período da ditadura militar (1964-1974):

Esse período foi caracterizado pela luta contra a ditadura militar e pelo retorno às liberdades democráticas.

2.5 O movimento estudantil na distensão política (1974-1984):

Depois de um período de inatividade da UNE, em 1976, iniciou-se um movimento pela reconstrução da entidade. Favoreceu o contexto de *abertura lenta e gradual* iniciada por Ernesto Geisel (1974-1979) e aprofundada por João Batista Figueiredo (1979-1985).

2.6 O movimento estudantil na democracia (1984-dias atuais):

Desde a segunda metade da década de 80, com a posse do primeiro presidente civil desde 1964 e com o retorno às liberdades democráticas no país, o movimento estudantil brasileiro foi lentamente recuperando seu lugar e sua importância na política nacional. O grande destaque desse período foi a campanha pelo impeachment do presidente Fernando Collor, marcada pelas grandes manifestações de rua lideradas pelos estudantes *caras-pintadas*.

Como é possível observar, a história do ME se confunde com a própria história política do Brasil, provando que essa instância se caracteriza, de fato, como um espaço aonde irão se delinear as principais tendências políticas nacionais, tendo como subsídios fundamentais, para tanto, as ideias consolidadas a partir de um campo de atuação comum, ou seja, o espaço acadêmico.

3 A CULTURA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

No que se refere à cultura universitária brasileira, observa-se um declínio nos estudos humanistas tradicionais ao longo do século XX. A observação que se pode fazer a esse respeito é o rápido decréscimo dos estudos tradicionais como o grego, o latim, o francês, a filologia entre outros. Nos anos de 1970, no entanto, passou a secundar, sobretudo nos estudos literários e lingüísticos, uma cultura de resistência, a qual coincide, no Brasil, com os anos de abertura política. São as *tendências especulares*, que espelhariam a rede de interesses dominantes, e as *tendências críticas* que, como o próprio nome sugere, faria o contraponto a primeira tendência.

Na década de 70, a evidência da aliança entre técnica *neutra* e opressão ideológica despertou nos pesquisadores uma profunda desconfiança em relação às receitas *positivistas* e *funcionalistas* que vinham sendo aplicadas metodicamente desde a fundação dos cursos de ciências sociais em todo o Brasil, a partir de 30 (BOSI, 1992, p. 313, grifo nosso).

Foi nessa década de 1930 (1933, especificamente) que se reestabelece o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional extinto desde 1922. Curso este que historicamente se relaciona de forma estreita, desde sua origem, com um modelo marcadamente *humanista* de influência francesa oriundo da *École de Chartres*.

O humanismo, como bem observa Pacini (1975, p. 65) “é um dado de elevada expressão para a experiência-política, sob uma significação ampla de ordem cosmológica, antropológica, e sociológica”.

A resposta tecnoburocracia às inquietações intelectuais da década de 1970, apontada anteriormente, foi imediata, se dando, segundo o apontamento de Bosi (1992, p. 313-315) por meio de cinco medidas básicas:

- Implantação em todos os graus de ensino um corpo de doutrina socio-política forrada de ideias neocapitalistas, dentre as quais se destacam *Organização Social e Política do Brasil* (primeiro e segundo grau) e *Estudos de Problemas Brasileiros* (segundo, terceiro e quarto graus);
- Substituição dos estudos de História e Geografia Gerais e do Brasil, constantes dos currículos tradicionais do ensino médio, por uma disciplina híbrida chamada *Estudos Sociais*;
- Desaparecimento abrupto da disciplina *Filosofia* dos cursos de ensino médio e superior;
- Exclusão gradual do ensino de *Francês* até como língua opcional no ensino secundário e superior, em virtude, sobretudo, da predominância econômica dos Estados Unidos da América;
- Unificação do vestibular estruturado mediante alternativas e sem redação (esta veio em 77, parcialmente).

Todas essas mediadas se caracterizam como alarmantes, pois o ensino de um modo em geral e o ensino superior em particular atuam como mecanismo de irradiação de ideias, conferindo legitimidade a essa ou aquela afirmativa, a essa ou aquela descoberta, principalmente nos dias atuais onde a ciência como extensão de uma verdade objetiva não pode ficar a mercê de preceitos ideológicos. Nesse sentido Bosi (1992, p. 310) afirma que “a cultura universitária, meta prioritária dos jovens de classe alta e média, tem uma força de auto-reprodução só comparável, hoje, à grandes empresas de comunicação de massa”.

Como é possível observar, existe uma necessidade latente de fortalecer as instâncias que permeiam o cotidiano acadêmico. Não por menos Martins (2009) observa que “a boa formação não se resume apenas ao que é

aprendido em sala de aula. É preciso quebrar esse formalismo, pois, para se ter uma maior investigação do conhecimento formal, deve-se sair dos limites da sala de aula”.

4 A SIEB – SEMANA DE INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIRIO

A SIEB nasce da necessidade de um espaço próprio dos estudantes de discutirem ideias, esporem divergências e manifestarem suas opiniões, tendo em vista que a sala de aula, na maioria das vezes, não cumpre essa função.

Realizada em duas edições (2007 e 2008), o evento, de caráter eminentemente discente, incorpora, desde o início, os anseios dos estudantes, o que acaba culminando na organização, após 14 anos, do XXXII ENEBD – Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação e Ciência e Gestão da Informação.

4.1 A primeira edição

Realizada entre os dias 22 e 24 de maio de 2007, a I SIEB tinha como objetivo principal

Promover debates acadêmicos entre o corpo docente e discente do curso de Biblioteconomia da UNIRIO, analisando, principalmente, o perfil do profissional Bibliotecário que é formado pela instituição supracitada, assim como as teorias que são apresentadas em sala de aula (DAEB, 2007).

O tema do evento *Biblioteconomia: ensino e identidade* partia “da premissa que a identidade é construída e legitimada social e cotidianamente” (DAEB, 2007). Para compor as mesas foi aberto espaço para pessoas da instituição como o professor e diretor da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO Marcos Cavalcanti de Miranda, as professoras Simone Weitzel, Ana Virginia Pinheiro, Patrícia Heninning, Maria Tereza Fontoura entre outros, além de representantes de outras instituições como a, então, presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia, 7ª região, Ligia Scrivano Paixão que falou na mesa de abertura do evento. Os temas das mesas deram a tônica das discussões: *O que é Biblioteconomia; O estudante de Biblioteconomia;*

Biblioteca: informação, cultura e sociedade; O perfil do Bibliotecário; Livro e a Leitura; Informação e as novas tecnologias.

A fim de homenagear destacada figura da Biblioteconomia, além de estabelecer um diálogo com outros ramos do conhecimento, como é a literatura, decidiu-se por promover, como parte integrante da programação da 1º SIEB, a exposição “Josué Montello: o operário da palavra”, promovida em parceria com a Academia Brasileira de Letras – ABL. A exposição procurou retratar um pouco da vida e da obra do escritor e acadêmico que conservou ao longo de sua vida uma forte relação com a Biblioteconomia, tendo sido, além de presidente da Biblioteca Nacional, professor do curso de Biblioteconomia em seus primórdios.

As mesas de debate ficaram concentradas nos horários da manhã e da noite, enquanto o horário da tarde ficou reservado para a exibição de filmes e realização de minicursos. No que se refere às produções cinematográficas, procurou-se apresentar aquelas relacionadas à temática do evento e que pudesse suscitar discussões variadas. Dentre as produções exibidas merecem destaque filmes como: *Fahrenheit 451* de François Truffaut, de 1966, onde, num futuro hipotético, os livros e toda forma de escrita são proibidos por um regime totalitário, sob o argumento de que fazem as pessoas infelizes e improdutivas; *Inimigo do Estado* de Tony Scott, produção de 1998 que aborda a temática da dita *sociedade do controle*.

4.2 A segunda edição

A segunda edição da SIEB aconteceu entre os dias 15 e 17 de outubro, no auditório Paula Freire do Centre de Ciências Humanas e Sociais – CCH/UNIRIO. O evento tinha como objetivo “estimular o debate acadêmico em torno da importância da biblioteca como fator preponderante para o desenvolvimento social” (DAEB, 2008).

O tema do evento, *A biblioteca como mecanismo de transformação social*, partia “da premissa de que a transformação deve partir dos próprios sujeitos sociais, e de que a biblioteca atua como espaço de apóio, uma vez que encerra em sua essência a idéia de resistência intelectual” (DAEB, 2008).

Inicialmente ao se discutir o tema, colocava-se a palavra *inclusão* no lugar da palavra *transformação*, contudo, após frutíferos debates, optou-se pela segunda, sobretudo por que essa representa mais de perto o entendimento de que uma mudança social significativa só será possível caso a iniciativa parta dos indivíduos inseridos no contexto da contraditória dinâmica social brasileira, e de que a universidade, e os sujeitos nela inseridos, atuam como apoio a essa iniciativa. Nesse sentido, não pode haver nada mais significativo do que a biblioteca, pois é nesse ambiente, de resistência intelectual por natureza, em que se manifestam os germes das ideias transformadoras.

Assim como na primeira edição, a 2ª SIEB também foi marcada pela discussão em torno de temas relevantes para a construção de uma consciência política. Não por menos resolveu-se tratar como prioridade a temática das bibliotecas: *Bibliotecas escolares; Bibliotecas comunitárias; Bibliotecas infanto-juvenis; Bibliotecas especiais; Bibliotecas carcerárias; Biblioteca Nacional*. A título de exemplo pode-se citar a apresentação do resultado da avaliação diagnóstica realizada pela Secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), em parceria com a Associação Latino-americana de pesquisa e Ação Cultural e com o Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), feita por Jane Paiva, coordenadora da pesquisa, a qual revelou, entre outras coisas, o baixo número de Bibliotecários com formação específica nas bibliotecas escolares brasileiras. A partir do resultado dessa pesquisa ficou latente a necessidade de uma maior intervenção política, o que não se alcança só com conhecimento técnico, mas, sobretudo, com uma determinação crítica.

A programação diária da segunda edição do evento repetiu a fórmula de sucesso da primeira: debates e apresentação de trabalhos pela manhã e à noite, com filmes e minicursos à tarde.

O homenageado na exposição foi o professor Mário Ferreira da Luz, cuja carreira ficou marcada pela intensa dedicação à Biblioteconomia, o que levou o Diretório Acadêmico do curso a apropriar-se de seu nome.

Pra encerrar a programação foi realizada uma festa no jardim do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, que além de promover a integração com toda a comunidade acadêmica, serviu para arrecadar fundos para cobrir gastos advindos da organização do evento.

Tanto a primeira edição da SIEB quanto a segunda serviu como ensaio pra um evento maior que já vinha se desenhando a algum tempo na UNIRIO: o ENEBD – Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação.

A dinâmica social, cultural e política que marcaram as duas edições da SIEB devem continuar marcando o ritmo dos próximos eventos realizados pelos estudantes de Biblioteconomia da UNIRIO, pois esse modelo, como foi apontado anteriormente, nasceu de suas próprias aspirações.

5. CONCLUSÃO

A história tem provado que o Movimento Estudantil constitui-se, de fato, como uma instância que, no interior da academia, com todas suas implicações ideológicas, serve como ponto de convergência aos anseios mais latentes dos estudantes.

A SIEB é a prova concreta de que, invariavelmente, os estudantes procuram formas de fuga do discurso tradicional acadêmico, cujo empreendimento é, em grande medida, a lógica pragmática que há muito assola a universidade.

Por esses e outros motivos se faz, aqui, a defesa velada da continuidade desse empreendimento discente que é a SIEB, na esperança de que essa se torne não só um evento do calendário anual da UNIRIO, mas, sobretudo, um momento em que os estudantes, professores e toda a comunidade acadêmica se sintam a vontade para exporem suas esperanças na retomada de uma universidade, eminentemente, humanista, longe de um comprometimento alienado com as exigências puramente mercadológicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Roberto. O movimento estudantil brasileiro e a crise das utopias. *ALCEU* - v.6 - n.11 - p. 195 - 205, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/Alceu_n11_Amaral.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *NBR 6027: informação e documentação: sumário: apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *NBR 6028: informação e documentação: resumo: apresentação*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *NBR 6033: ordem alfabética*. Rio de Janeiro, 1989.

_____. *NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

_____. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2005.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira e culturas brasileiras*. In: _____ *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Conselho Regional de Biblioteconomia, 12^o região. *História da biblioteconomia*. Vitória-ES, c2009. Disponível em: <<http://www.crb12.org.br/bibliotecario/historia-da-biblioteconomia/>>. Acesso em: 30 maio 2009.

BRASIL. XXXII ENEDB - Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação. *A dimensão política do profissional da informação*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.xxxiienedb.org.br/>>. Acesso em: 30 maio 2009.

DIRETÓRIO ACADÊMICO MÁRIO FERREIRA DA LUZ (DAEB). *Projeto para a II SIEB da UNIRIO: 2ª semana de integração acadêmica dos estudantes de Biblioteconomia da UNIRIO*. 2008.

_____. *Projeto para a 1ª SIEB da UNIRIO: 1ª semana de integração acadêmica dos estudantes de biblioteconomia da UNIRIO*. 2007.

GULLAR, Ferreira. *Projeto memória do movimento estudantil*. Depoimentos. (entrevistado por Carla Siqueira). 2004. Disponível em: <<http://www.memoriaestudantil.org.br/main.asp?View>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

PALMEIRA, Vladimir. *Projeto memória do movimento estudantil*. Depoimentos. (entrevistado por Ana Paula Goulart e Angélica Muller). 2005. Disponível em: <<http://www.memoriaestudantil.org.br/main.asp?View>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

PICINI, Dante. *Que é experiência política: filosofia e ciência*. Rio de Janeiro, 1975.

MARTINS, Vanderlei. *Notas de aula*. Disciplina métodos e técnicas de pesquisa jurídica. Rio de Janeiro, 2009.